

A LÍNGUA E LITERATURA NÚBIA MEDIEVAL: BREVE INTRODUÇÃO E PESQUISAS RECENTES

Medieval Nubian language and literature: short introduction and recent investigations

Damien Labadie¹⁸⁶

Resumo

Este capítulo objetiva apresentar as mais recentes pesquisas sobre Núbio Antigo, a língua oficial dos reinos da Nobácia e Macúria na Idade Média. Após uma breve introdução sobre a Núbia medieval, o artigo foca na produção literária em Núbio Antigo, enfatizando um gênero literário, a chamada “memória apostólica”, gênero que originalmente apareceu no Egito copta na Antiguidade tardia. Recentes investigações literárias, linguísticas e filológicas sobre este gênero desvelaram processos muito interessantes de tradução, reelaboração e performance oral deste gênero copta no contexto da configuração litúrgica da Igreja Núbia medieval.

Palavras-chave: Língua núbia; Núbia medieval; Cristianismo africano; Literatura apócrifa cristã; Egito copta; traduções literárias

Abstract

This chapter aims at presenting the most recent research on Old Nubian, the official language of the medieval kingdoms of Nobadia and Macuria in the Middle Ages. After a short introduction of Medieval Nubia, the paper focuses on the literary production of Old Nubian, laying emphasis on one literary genre, the so-called “apostolic memoir”, a genre that originally appeared in Coptic Egypt in late Antiquity. Recent literary, linguistic and philological investigations into this genre has unveiled very interesting processes of translation, reelaboration and oral performance of this Coptic genre into the context of the liturgical setting of the Medieval Nubian Church.

Keywords: Nubian language; Medieval Nubia; African Christianity; Christian Apocryphal Literature; Coptic Egypt; Literary translations

¹⁸⁶ É atualmente investigador no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), filiado ao centro Ciham, Histoire, Archéologie, Littératures des mondes chrétiens et musulmans médiévaux, em Lyon (França). Tem doutoramento em história das religiões e antropologia religiosa pela École Pratique des Hautes Études (Paris, 2017). Suas principais publicações centram-se nas línguas e literaturas dos cristãos orientais (copta, etíope, árabe, núbio, siríaco), o cristianismo antigo e medieval, os textos patrísticos, a literatura apócrifa cristã e as relações entre cristianismo e judaísmo.

Os estudos sobre a Núbia medieval estão atualmente passando por um renascimento excepcional. Em particular, pesquisas recentes sobre o núbio antigo, a língua oficial dos reinos de Nobácia e Macúria na Idade Média, lançaram nova luz sobre sua estrutura linguística. Além disso, ao comparar textos núbios com seus originais coptas ou gregos, abriram-se novas vias de reflexão a respeito da tradução e reelaboração de textos literários de origem egípcia no ambiente núbio. Estes estudos mostram, através do estudo da língua, a originalidade das relações culturais, literárias e religiosas entre os cristãos da Núbia e do Egito no período medieval.

Antes de qualquer descrição do núbio antigo, queríamos começar com uma breve apresentação da Núbia, no período medieval, assinalando primeiramente algumas indicações bibliográficas que oferecem uma vista geral sobre a Núbia medieval. A apresentação mais completa é a de Werner (2013), em alemão, que é dedicada principalmente ao cristianismo núbio medieval. Um livro muito interessante, sobretudo acerca da arqueologia núbia, é o de Welsby (2002). Finalmente, o pesquisador francês Seignobos (2018) escreveu uma introdução muito boa à Núbia medieval no livro editado por François-Xavier Fauvelle.

Apresentação geral da Núbia cristã no período medieval

Localização geográfica

Geograficamente, a Núbia medieval estendeu-se do sul do Egito atual, ao redor da região de Assuão, até o sul do Sudão, nas proximidades da cidade de Kostí. A Núbia medieval, como o Sudão atual, é marcada pela presença do Nilo, que percorre todo o território. Mais precisamente, o coração do território núbio medieval ficava entre a primeira e a sexta catarata, seis cachoeiras que cruzam o curso do Nilo e definem as principais divisões da geografia núbia.

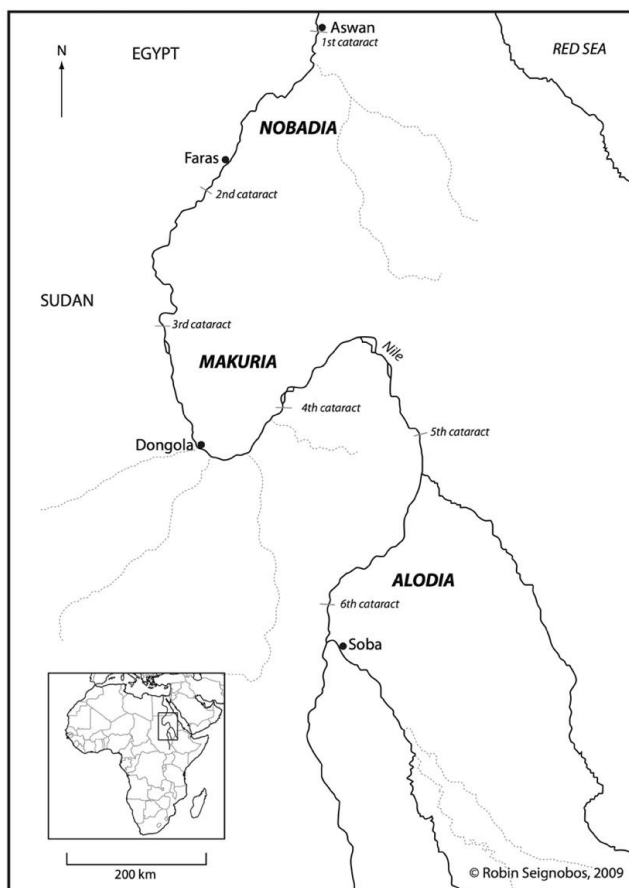


Imagem 1: Os reinos núbios medievais

A Núbia pré-cristã (séc. IX a.C- séc. VI d.C.)

Cronologicamente, a Núbia tem sido o lar de formações políticas poderosas desde o século IX antes de Cristo. Antes do período cristão, que começou na Núbia no século VI, o território núbio estava sob o controle do reino de Cuxe.¹⁸⁷ Duas fases podem ser distinguidas, a fase *Napata* (nome da cidade de Napata, do século IX até o século IV antes de Cristo) e a fase *Meroítica* (do nome da cidade de Meroé, do século IV antes de Cristo até o século IV depois de Cristo). Durante o século IV depois de Cristo, o reino de Cuxe declinou por causa das invasões e agressões de dois povos, os Nobas e os Blêmios, que gradualmente ocuparam o território do reino meroítico.¹⁸⁸ Os Nobas eram um grupo de tribos de língua núbia, que provavelmente vinham da região do Darfur, no sul do Sudão atual. Os Blêmios eram uma confederação de nômades dos desertos do leste do Nilo. Após o estado de Cuxe ter desabado, esses dois povos travaram numerosas guerras pelo controle da Núbia. Por fim, no século V depois de Cristo, os Nobas venceram os Blêmios. Os povos núbios, que agora em diante dominavam todo o vale do Nilo, se organizaram em três estados, como o vemos no mapa acima: Nobácia, com Faras como sua capital, Macúria, com Dongola como sua capital, e finalmente Alódia (ou Alwa), com Soba como sua capital. O império romano, que ocupava o Egito naquela época, reconheceu o reino de Nobácia, com o qual compartilhava sua fronteira sul, como um estado *foederatus*, ou seja, um estado aliado.¹⁸⁹ No século VII, esta situação mudou, pois a Nobácia se uniu com o reino de Macúria e se tornou a província de Maris. Esta nova unidade política tomou o nome, a partir do século XII, de reino de Dotawo.¹⁹⁰

A cristianização da Núbia (séc. VI)

Segundo um relato de João de Éfeso (séc. VI),¹⁹¹ o reino de Nobácia foi convertido ao cristianismo no século VI. Um monge egípcio, Julianus, foi nomeado pela imperatriz bizantina Theodora para liderar uma missão evangelística em Nobácia. Em 543, Julianus chegou à corte do rei de Nobácia Eirpanome e batizou-o. Também foram construídos lugares de culto cristãos, como testemunha a inscrição copta de Dendur (produzida em 559 ou 574), que menciona a conversão de um templo em uma igreja.¹⁹² Convertido por um monge da fé monofisita, o rei Eirpanomus adotou assim a fé monofisita da Igreja de Alexandria, que tinha rejeitado as propostas dogmáticas do concílio de Calcedônia de 451 sobre a questão da natureza humana e divina de Cristo.¹⁹³ De fato, os partidários do concílio de Calcedônia professaram o diofisismo (que significa “duas naturezas”), ou seja, que as naturezas humana e divina de Cristo são claramente distintas, enquanto os opositores do concílio professaram o monofisismo (que significa “uma natureza”), ou seja, que a natureza

¹⁸⁷ Werner (2013, p. 35-40).

¹⁸⁸ Welsby (2002, p. 16-18); Seignobos (2018, p. 228-231).

¹⁸⁹ Welsby (2002, p. 18-20).

¹⁹⁰ Welsby (2002, p. 250-25).

¹⁹¹ Para uma tradução em inglês deste relato na *História eclesiástica* do João de Éfeso, veja Vantini (1975, p. 10-12). Veja também Werner (2013, p. 51-54).

¹⁹² Aqui está uma tradução em inglês da inscrição de Dendur por Welsby (2002, p. 37): “By [the w]ill of God and the decree of the king Eirpanome and the [man] zealous in the word of God, Joseph, the exarch of Talmis, and by our receiving the cross from Theodore, the bish[op] of Philae, I, Abraham, the most hum[ble] priest, [it is] who set up the cross on the day they founded this church...”

¹⁹³ Sobre o concílio de Calcedônia, veja Davis (1990, p. 170-206). A controvérsia entre Cirilo de Alexandria (morto em 444) e Nestório de Constantinopla (382-451) durante o concílio de Éfeso (431) desempenhou um papel fundamental na definição cristológica de Calcedônia. A este respeito, veja McGuckin (2004).

divina de Cristo tinha absorvido a natureza humana, de modo que restou apenas uma natureza. Mais tarde, uma segunda missão, liderada pelo bispo monofisita egípcio Longinus, chegou a Nobácia em 569 ou 570.¹⁹⁴ Ele consolidou a organização da Igreja de Nobácia e promoveu o emprego do grego como língua litúrgica.

As condições da conversão de Macúria são mais obscuras, mas sabemos, segundo um relatório de João de Biclar (séc. VI),¹⁹⁵ que os habitantes de Macúria adotaram o cristianismo na segunda metade do século VI. Parece que, ao contrário de Nobácia, Macúria adotou a fé calcedoniana. De fato, de acordo com os anais de Eutíquio de Alexandria (séc. X),¹⁹⁶ os cristãos de Macúria adotaram a fé monofisita porque, devido à vacância da sede calcedoniana de Alexandria entre 629 e 726, somente o patriarca monofisita de Alexandria era capaz de nomear bispos para a Núbia.

Se conhece a cristianização de Alódia a partir de outro relato de João de Éfeso.¹⁹⁷ Ele nos diz que os habitantes de Alódia mandaram uma delegação ao bispo Longinus, que já estava em Nobácia, para pedir-lhe que viesse a Alódia e convertesse o reino ao cristianismo. Chegando a Nobácia nos anos 580, Longinus batizou o rei e muitos do povo. Como o rei de Nobácia, o rei de Alódia, cujo nome desconhecemos, adotou a fé monofisita. Por esta razão, os dois reis estabeleceram relações diplomáticas duradouras.

Assim, do século sexto ao século XV, o cristianismo foi a religião predominante na Núbia, intimamente vinculada ao cristianismo egípcio.

As instituições políticas da Núbia medieval

Vamos dizer algumas palavras sobre as instituições políticas da Núbia medieval. A propósito do reino unido de Nobácia e Macúria, sabemos que o rei era chefe do estado e chefe da igreja, líder político e espiritual.¹⁹⁸ Seguindo o modelo bizantino, o soberano núbio era tanto sacerdote quanto rei, *hiereus kai basileus* ("sacerdote e rei") em grego. Outros títulos conhecidos, tais como *augoustos* ("augusto") e *philochristos* ("que ama Cristo"), atestam a influência da realeza bizantina sobre a realeza núbio.¹⁹⁹ Pinturas também retratam os reis núbios conforme os tipos iconográficos bizantinos, como vemos em um afresco de Faras, para o soberano Jorge Quinto, do século XII.²⁰⁰ O rei estava cercado por um conselho. A família, com sua estrutura matrilinear, desempenhava um papel político importante, especialmente a irmã do rei.²⁰¹ Também as rainhas e princesas tinham um lugar importante na corte.²⁰² Geralmente, o filho da irmã mais velha do rei, e, portanto, seu sobrinho, era o sucessor do trono.

¹⁹⁴ Werner (2014, p. 59-60).

¹⁹⁵ Encontra-se uma tradução inglesa desta passagem da *Crônica* do João de Biclar em Vantini (1975, p. 27-28). Veja também Werner (2013, p. 57-58).

¹⁹⁶ Encontra-se o texto em Vantini (1975, p. 110). Veja também Werner (2013, p. 63-65).

¹⁹⁷ Tradução em inglês da passagem da *História eclesiástica* do João de Éfeso em Vantini (1975, p. 17-18). Veja também Werner (2013, p. 60-62).

¹⁹⁸ Seignobos (2018, p. 244-247).

¹⁹⁹ Werner (2013, p. 243-244).

²⁰⁰ Michalowski (1973, fig. 70).

²⁰¹ Werner (2013, p. 248).

²⁰² Veja as representações das rainhas e princesas nos afrescos de Faras em Michalowski (1973, fig. 76-79; 94-95).

O reino unido do norte da Núbia era um estado centralizado, dividido em distritos territoriais.²⁰³ Imediatamente sob a autoridade do rei havia dois governadores, o *eparchos* de Nobácia e o *tetrarchos* de Macúria. Esses dois governadores, responsáveis pelas duas regiões históricas que constituíam o reino unido, exerciam autoridade sobre outros funcionários civis e militares de nível inferior, a maioria dos quais também tinha o título de *eparchos*, ou mais raramente, o de *domestikos* ou *exarchos*. Em geral, é difícil determinarmos as atribuições precisas dos funcionários que tinham esses vários títulos.

Alguns aspetos do cristianismo núbio medieval

No que diz respeito à organização da Igreja núbia, a documentação indica a existência de sete bispados, embora seja provável que houvesse outros.^[٢٠٣] Os²⁰⁴ bispos da Núbia eram nomeados pelo Patriarca de Alexandria. Porém, desde o advento do Islã no Egito, os reis núbios tinham que pedir permissão ao califa ou sultão para obter um bispo.^[٢٠٤]²⁰⁵ Logo, os bispos núbios nomeavam os sacerdotes e diáconos da Igreja núbia

O cristianismo núbio assinala-se pela importância do monaquismo, em suas três formas, o cenobitismo, o eremitismo e a forma semi-eremítica. Referimo-nos ao excelente trabalho de Artur Obłuski (2019) sobre a questão do monaquismo núbio.²⁰⁶ Este monaquismo, muito influenciado pelo monaquismo egípcio, parece ter sido organizado institucionalmente já no século VI. Muitos mosteiros foram fundados ao longo do Nilo durante toda a Idade Média. Uma peculiaridade do monaquismo núbio é o papel desempenhado pelo estado na fundação dos mosteiros; por exemplo, diz-se que o mosteiro de Ghazali foi fundado pelo rei núbio Merkourios no final do século VII.²⁰⁷

Um dos aspetos mais interessantes do cristianismo núbio, que o distingue claramente do cristianismo oriental, mas o aproxima do cristianismo copta, é o culto muito fervoroso das figuras angélicas, a saber, Miguel, Rafael e Gabriel.²⁰⁸ Os três estão representados, por exemplo, em uma Natividade encontrada na catedral de Faras.^[٢٠٥]²⁰⁹ Miguel, o líder das hostes celestiais, é o mais importante desses três anjos. Ele está representado abundantemente na arte, como em Faras, onde está retratado como o anjo que salva os três jovens israelitas segundo o livro bíblico de Daniel (3: ²¹⁰

²⁰³ Werner (2013, p. 254-264); Welsby (2002, p. 92-96).

²⁰⁴ Veja, em primeiro lugar, Robin (2015); logo Werner (2013, p. 228-230).

²⁰⁵ Werner (2013, p. 230).

²⁰⁶ Veja também Werner (2013, p. 264-280).

²⁰⁷ Obłuski (2019, p. 64-69).

²⁰⁸ Werner (2013, p. 372-384). Sobre o culto dos anjos na Igreja copta, veja Müller (1959).

²⁰⁹ Michalowski (1973, fig. 64-65).

²¹⁰ Michalowski (1973, fig. 60-61).



Imagem 2: O arcanjo Miguel (Catedral de Faras), Sudan National Museum, Khartoum (fotografia por: Tomasz Jakobielski, Polish Centre of Mediterranean Archaeology, Universidade de Varsóvia)



Imagem 3: Miguel salvando os três jovens israelitas (Catedral de Faras) Sudan National Museum, Khartoum (fotografia por: Tomasz Jakobielski, Polish Centre of Mediterranean Archaeology, Universidade de Varsóvia)



Imagem 4: Natividade, com Miguel, Gabriel e Rafael cerca da Virgem (Catedral de Faras)
Sudan National Museum, Khartoum
(fotografia por: Tomasz Jakobielski, Polish
Centre of Mediterranean Archaeology,
Universidade de Varsóvia)

As incursões do Egito muçulmano e a queda dos reinos núbios

Em 638, a conquista do Egito pelos árabes muçulmanos teve consequências cruciais para a Núbia. O conquistador do Egito, 'Amr b. Al-Ās, chegou à cidade de Assuão em 641. Apesar de várias tentativas de invasão, o exército egípcio falhou diante das tropas núbias, que resistiram à mercê de seus arqueiros. No final desta guerra, foi concluído um tratado (*baqt*)²¹¹ entre o governador egípcio, 'Abdallah b. Sa'd b. 'Abī Sarh, e o rei de Macúria, Qalidurut. Este tratado ocupa um lugar muito importante na história das relações núbio-egípticas, pois garantiu a autonomia da Núbia em relação ao Egito.²¹² O *baqt* garantiu a integridade das fronteiras egípcias e núbias e a livre circulação de comerciantes e viajantes entre os dois países. O *baqt*, que esteve em vigor até o século XIII, permitiu que a Núbia se tornasse uma grande potência política e econômica.

Entretanto, a partir da dinastia mameluca, que governou o Egito e a Síria de 1250 a 1517, os reinos cristãos da Núbia começaram a declinar. Os mamelucos fizeram numerosas incursões em território núbio e praticaram uma política de interferência nos assuntos núbios.^[66] Após²¹³ uma série de guerras, cujo curso é bastante complexo, o sultão Mamluk Al-Naṣīr Muḥammad b. Qalāwūn III ocupou militarmente o país em 1315, sitiou Dongola e destronou o rei núbio Kudanbes. O sultão manteve-o cativo no Cairo e instalou em seu lugar um de seus parentes que se havia convertido ao islamismo, Abdallāh Baršambu. Abdallāh Baršambu tornou-se tão odiado que, apenas dois anos depois, um sobrinho de Kudanbes, Kanz ad-Dawla, também muçulmano, conseguiu derrubá-lo e matá-lo. Restabelecido pelos egípcios em 1323, Koudanbes, que se havia convertido ao Islã nesse meio tempo, foi destronado no ano seguinte por Kanz ad-Dawla, que finalmente foi reconhecido como rei de Núbia por Qalāwūn. Nunca mais o reino de Dongola teria um rei cristão.

²¹¹ A palavra árabe *baqt* deriva do grego *pakton*, que provém do latino *pactum*. Tradução inglesa do *baqt* em Vantini (1975, p. 640-641).

²¹² Seignobos (2018, p. 248); Werner (2013, p. 68-73).

²¹³ Para uma apresentação clara destes eventos, veja Welsby (2002, p. 242-255).

Em 1365, após uma guerra entre o rei de Dongola e seu sobrinho, o sultão mameluco enviou um exército para restaurar a ordem. A cidade de Dongola foi destruída, e a capital de Macúria foi transferida para Daw, localizada no atual Jebel Adda. A queda de Dongola marcou o fim do reino cristão de Macúria. A cidade de Daw tornou-se a sede do reino de Dotawo, o remanescente do antigo reino de Macúria. Este reino sobreviveu por outros cento e cinquenta anos.

Quanto ao reino de Alódia, sobrevivem poucas informações sobre sua história tardia.²¹⁴ Primeiramente, durante o século XIII, parece que uma província de Alódia ganhou sua independência e tomou o nome do reino de al-Abwāb.²¹⁵ Em segundo lugar, sabemos, especialmente pela *Crônica Funğ* (séc. XIX)²¹⁶, que o reino de Alódia e sua capital Soba foram frequentemente atacados por tribos árabes do século XIII ao século XV. O reino finalmente caiu nas mãos dos Funğ, um povo do Sudão central, no início do século XVI.

A islamização de Núbia se deu em várias fases, e foi progressiva e duradoura.²¹⁷ A epigrafia funerária testemunha que os muçulmanos já viviam na baixa Núbia a partir do século IX, certamente comerciantes estabelecidos na região. Entretanto, a presença muçulmana permaneceu fraca. Foi especialmente após o declínio dos reinos cristãos de Macúria e Dotawo que a islamização progrediu rapidamente durante os séculos XIV e XV, mercê das irmandades sufistas. Apesar desta islamização maciça de Núbia, várias reminiscências do passado cristão da Núbia persistiram e continuam a persistir até hoje.²¹⁸ Por exemplo, o sinal da cruz ainda é usado como talismã. As mulheres kunuzi praticam uma forma singular de batismo infantil no Nilo. Finalmente, na região da segunda catarata, as mulheres presentes a um parto acolhem a criança com o grito de “Máaryà”, um resquício notável de uma invocação à Virgem Maria.

As línguas e literaturas da Núbia medieval

A paisagem linguística da Núbia medieval

A situação linguística na Núbia medieval é complexa. A este respeito, mencionamos os artigos de Ochała (2014 e 2016), que constituem uma boa introdução neste assunto.²¹⁹ É difícil saber quais idiomas foram usados apenas oralmente, porque não temos nenhum rastro deles. Porém, sabemos que quatro línguas literárias estavam em uso:

- o grego, a língua da Igreja e da liturgia, que foi usada vividamente durante todo o período cristão, até o século XIV;
- o copta, a língua dos cristãos egípcios, também era empregado principalmente pelos monges do norte da Núbia, em Nobácia; foi usada como língua de comunicação escrita e oral até o século XII;
- o núbio antigo, uma língua nilótica escrita no alfabeto grego, tornou-se a língua oficial dos reinos núbios durante o século XI, e foi usada em documentos litúrgicos, literários e administrativos;

²¹⁴ Welsby (2002, p. 254-255); Werner (2013, p. 169-171).

²¹⁵ Werner (2013, p. 158-159).

²¹⁶ Texto em Vantini (1975, p. 786).

²¹⁷ Werner (2013, p. 155-156).

²¹⁸ Werner (2013, p. 177-184).

²¹⁹ Veja também Werner (2013, p. 185-200).

- o árabe, que se desenvolveu a partir dos séculos XI e XII, foi usado principalmente para o intercâmbio diplomático entre a Núbia e o Egito.²²⁰

Embora uma parte muito importante da produção de manuscritos na Núbia tenha desaparecido devido a guerras e saques, foram encontrados textos manuscritos preservados em todas essas línguas, principalmente em Nobácia.

Deve-se notar também que estes quatro idiomas não foram utilizados com a mesma intensidade durante o período medieval.²²¹ Embora o grego tenha permanecido forte durante todo o período cristão, é interessante notar que o copta declinou a favor do núbio antigo por volta dos séculos XI e XII. O árabe não foi usado apenas quando a Núbia começou a manter relações diplomáticas com as autoridades políticas egípcias, mas também com o patriarcado de Alexandria, que adotou o árabe como a língua de produção escrita a partir do século X.²²²

Quanto à epigrafia, cerca de seis mil inscrições foram descobertas na Núbia. A maioria dessas inscrições foi gravada por peregrinos que viajavam para os grandes santuários da Núbia. Assim, foram encontradas inscrições em copta, árabe, grego e núbio antigo, atestando a influência dos santuários cristãos núbios, mesmo além das fronteiras da África. Por exemplo, o sítio de Banganarti em Macúria, que era uma necrópole real, foi um dos principais centros de peregrinação na Núbia medieval.²²³ Centenas de inscrições foram encontradas ali, em grego, árabe, etíope, núbio e até provençal!²²⁴ A visita de peregrinos europeus realça o prestígio dos lugares santos núbios no período medieval. A Universidade de Varsóvia desenvolveu uma base de dados, a *Database of Medieval Nubian Texts*,²²⁵ que lista todas as inscrições encontradas na Núbia até o momento, em todas as línguas, e é uma valiosa ferramenta de trabalho. Esta base de dados também contém os textos manuscritos, tanto documentários como literários.

O núbio antigo: breve descrição linguística

Entre essas línguas, interessamo-nos no núbio antigo, a língua oficial dos reinos núbios a partir do século XI. Atualmente, o núbio antigo é objeto de novas pesquisas linguísticas e filológicas, o que nos permite compreender melhor seu funcionamento.²²⁶

A primeira pesquisa sobre o núbio antigo começou no século XIX, com o trabalho de filólogos europeus como Lepsius (1849-1859),²²⁷ Schmidt e Schäfer (1906 e 1907). O primeiro esboço de uma gramática foi o de Griffith (1913), que marcou um ponto de virada nos

²²⁰ Veja, por exemplo, os documentos diplomáticos do bispo Timóteo (Plumley, 1975).

²²¹ Ochała (2014, p. 41-44).

²²² Sobre a arabização dos cristãos egípcios, veja Decobert (1992).

²²³ Veja os numerosos estudos por A. Łajtar; por exemplo Łajtar (2008 e 2010).

²²⁴ Łajtar (2011).

²²⁵ Veja <http://www.dbmnt.uw.edu.pl>, consultado em 11 de janeiro 2022. Cada texto descoberto na Núbia, independentemente da língua, recebe um número na base de dados (por exemplo DBMNT 320).

²²⁶ Para um sumário da história das pesquisas sobre o núbio antigo até hoje, veja van Gerven Oei (2021, pp. 2-13).

²²⁷ Richard Lepsius escreveu mais tarde uma descrição gramatical de alguns línguas e dialetos núbios modernos (Lepsius 1880). Ao mesmo tempo Leo Reinisch publicou uma gramática comparável (Reinisch 1979) a partir dos dialetos kunuzi, dongolawi, e nobiin (maḥas e fadidja).

estudos núbios. A primeira gramática sistemática foi a de Zylahrz (1928). Mas é graças a Gerald M. Browne, cujo dicionário (Browne, 1996)²²⁸ e gramática (Browne, 2002)²²⁹ se tornaram referências para os pesquisadores, que fizeram os avanços mais impressionantes na linguística núbia. Hoje, a gramática de referência é a de van Gerven Oei (2021). Embora esta gramática forneça uma descrição completa e em pormenor do núbio antigo, ela não representa uma gramática definitiva. De fato, vários fenômenos gramaticais permanecem inexplicáveis e a pesquisa deve continuar a fim de compreender melhor este idioma muito difícil.

O núbio antigo é uma das línguas nilo-saarianas, no subgrupo do leste do Sudão. Geograficamente, as línguas nilo-saarianas são faladas em dezessete países na metade norte da África, do Benin, no oeste, à Tanzânia, no leste.²³⁰ Hoje, o núbio antigo é o mais próximo da língua moderna conhecida como nobiin,²³¹ uma língua do grupo sudanês oriental. O núbio antigo escreve-se com uma forma modificada do alfabeto grego (α/a, β/b, γ/g, δ/d, ε/e, ζ/z, η/h, θ/th, ι/i, κ/k, λ/l, μ/m, ν/n, ξ/x, ο/o, π/p, ρ/r, σ/s, τ/t, υ/u, φ/f, χ/h, ψ/ps, ω/ō), com três letras adicionais do copta (ϣ/š, ϥ/h, ϧ/j) e três letras do meroítico (ϩ/ñ, ϩ/ñ, ϩ/ñ).²³²



Imagem 5: Lecionário núbio (Ms. Or. Quart. 1019 da Staatsbibliothek zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz)²³³

²²⁸ Gerald Browne publicou também um apêndice a seu dicionário (Browne 1997).

²²⁹ Deve-se assinalar também a gramática de Eugenia B. Smagina. Publicado em 1986, dezesseis anos antes da gramática de Gerald M. Browne, este trabalho é de grande relevância para a história e o campo dos estudos sobre o núbio antigo. Esta gramática foi traduzida para inglês recentemente (Smagina 2017).

²³⁰ Veja Bender (2002).

²³¹ Anteriormente conhecido como o mahas ou fadidja.

²³² Sobre a escrita do núbio antigo, veja van Gerven Oei (2021, pp. 33-50).

²³³ <http://resolver.staatsbibliothek-berlin.de/SBB0000DDB900000000>

Segundo Vincent van Gerven Oei, cabe dividir o núbio antigo diacronicamente em quatro períodos:²³⁴

- *Early Old Nubian* (≈ séc. VIII)
- *Middle Old Nubian* (≈ séc. X)
- *Archaizing Old Nubian* (≈ séc. XII)
- *Late Old Nubian* (≈ séc. XII-XIV)

O núbio antigo caracteriza-se pelas propriedades gramaticais seguintes:

- É uma língua aglutinativa, semelhante ao georgiano, turco ou húngaro. Os elementos morfológicos acrescentam-se no final da palavra. Ex: ογρογογνα (“dos reis”) = ογρογ (“rei”) - ρογ (pl.) - να (genitivo); κοεογρκκολκα (“aquele que está sob o efeito da fome”) = κοε (“poder”) - ογρκ (“ter fome”) - κο (morfema adjectival) - λ (determinante) - κα (acusativo)
- Numerosas assimilações e elisões de consoantes.²³⁵ Ex: Δογλλα ← Δογλ-λα ← Δογλ-πα; ειτρεπκΔΔεεεεε ← ειτρε-ε-π-κΔ-Δ-εεεεε ← ειτρε-ει-πλ-κρε-Δ-εεεεε
- Quatro casos estruturais, que expressam funções sintáticas básicas (nominativo, genitivo, acusativo, dativo), e oito casos lexicais, que expressam principalmente a localização ou a maneira (locativo, alativo, superessivo, subessivo, comitativo, adessivo, sufixo -λε, vocativo)²³⁶
- Uso onipresente de um morfema predicativo -α usado para substantivos e verbos na proposição principal²³⁷
- Uso maciço de pósposições²³⁸
- O núbio tem um distema verbal bastante complexo, combinando conjugação aspetual (perfeito e imperfeito) e conjugação temporal (presente e passado)²³⁹
- Ordem das palavras: sujeito-objeto-verbo

A produção literária do núbio antigo

A produção escrita do núbio antigo estende-se do século VIII ao século XV.²⁴⁰ A maioria dos textos foram produzidos no período entre o século X e o século XII, que poderia ser chamada da idade de ouro da literatura núbia. O corpus manuscrito do núbio antigo é

²³⁴ Van Gerven Oei (2021, pp. 25-29).

²³⁵ Browne (2002, pp. 17-23); van Gerven Oei (2021, pp. 409-417).

²³⁶ Van Gerven Oei (2021, pp. 285-320).

²³⁷ Van Gerven Oei (2021, pp. 99-112).

²³⁸ Van Gerven Oei (2021, pp. 320-344).

²³⁹ Van Gerven Oei (2021, pp. 207-232).

²⁴⁰ Para uma breve apresentação da literatura núbia antiga, veja Browne (1992).

muito pequeno (cerca de cem páginas impressas),²⁴¹ o que explica a dificuldade que temos em compreender todos os fenômenos gramaticais e o significado de algumas palavras. A maior parte da produção de manuscritos foi destruída, devido às guerras egípcio-nubianas dos séculos XIII e XIV. Além disso, os manuscritos sobreviventes são geralmente fragmentários e mutilados.

Os textos manuscritos, em núbio antigo são textos documentais e literários. Os textos documentais incluem principalmente contratos de venda e cartas. Com respeito aos textos literários, eles são de natureza exclusivamente religiosa. Temos:

1. Lecionários, livros que contêm as passagens da Bíblia para serem lidas durante a liturgia.
2. Textos patrísticos, isto é, textos dos Padres da Igreja, tais como Cirilo de Jerusalém ou João Crisóstomo. Na realidade, a maioria dos textos patrísticos núbios são textos pseudo-patrísticos, textos ficticiamente atribuídos aos Padres da Igreja.
3. Cânones conciliares, ou seja, as decisões dos concílios eclesiásticos.
4. Textos hagiográficos: vidas de santos como São Jorge ou São Menas.
5. Textos apócrifos: textos que são ficticiamente atribuídos a Jesus ou aos apóstolos. Em núbio antigo, estes são textos de revelação, ou apocalipses.

A maioria desses textos literários são traduções do grego ou do copta. De fato, devido aos laços culturais e religiosos entre o Egito e a Núbia, a literatura em núbio antigo é essencialmente uma literatura de traduções de textos gregos e coptas produzidos no Egito. Assim, visto que muitas vezes temos o original grego ou copta, isso nos ajuda a decifrar e entender melhor a versão núbia antiga. Ainda não temos conhecimento de textos traduzidos do árabe, mas pesquisas a este respeito estão em andamento.

A memória apostólica em núbio antigo

A pesquisa mais recente concentra-se em um gênero literário bem atestado na Núbia: a memória apostólica (*apostolic memoir*, em inglês), um gênero que pertence à categoria dos textos apócrifos. O melhor estudo deste gênero literário próprio à literatura cristã de África Oriental é a publicação de Suci (2017).

O gênero da memória apostólica teve origem no Egito no século V, na esteira do concílio de Calcedônia de 451.²⁴² Nestes textos, os apóstolos, os discípulos de Jesus, que falam no plural em primeira pessoa (“nós”), afirmam ter escrito palavras secretas de Jesus, seguindo um discurso de revelação que Jesus teria dado no Monte das Oliveiras. Diz-se que estas palavras escritas foram coletadas na forma de um livro, uma memória, que foi então depositada em uma biblioteca em Jerusalém. É claro que tudo isso é uma ficção piedosa. Às vezes, o narrador anônimo afirma que esta memória apostólica foi redescoberta por um Padre da Igreja, geralmente um Padre copta, que a transcreveu e a incluiu em um sermão para uma festa litúrgica. Estas memórias apostólicas tratam de diferentes assuntos, como a entronização de figuras angélicas (Miguel, Gabriel), contêm histórias sobre personagens do Novo Testamento, como Gamaliel ou Pilatos; também podem descrever episódios da vida de Jesus, como seu nascimento, crucificação e ressurreição. Atente-se que estas memórias foram lidas na liturgia em festas particulares.²⁴³ Por exemplo, uma memória apostólica sobre Miguel era lida na festa copta de São Miguel, no dia 12 do mês de Hathor, ou seja no dia 8 de novembro.

²⁴¹ Veja a antologia de Browne (1995), que reúne a maior parte dos textos literários em núbio antigo.

²⁴² Para esta datação, veja Suci (2017, pp. 128-132).

²⁴³ Sobre a função litúrgica das memórias apostólicas, veja Suci (2017, pp. 121-115).

Subsistem vinte e sete desses textos, divididos entre aqueles incluídos em um sermão pseudo-patristico e aqueles transmitidos independentemente.²⁴⁴ Estas memórias apostólicas estão preservadas em copta, mas também em árabe, etíope clássico e núbio antigo. Muitas vezes, o mesmo texto está preservado em várias línguas. Entretanto, alguns desses textos são conhecidos apenas a partir de uma versão única. Eis alguns exemplos:

- Ps.-Cirilo de Jerusalém, *Sobre a Vida e Paixão de Cristo* (Clavis coptica 0113; copta)
- Ps.-Cirilo de Jerusalém, *Sobre a Vida da Virgem* (Clavis coptica 0005; copta, árabe)
- Ps.-Ciríaco de Behnesa, *Martírio de Pilatos* (Clavis apocryphorum Novi Testamenti 75; árabe, etíope)
- Ps.-Crisóstomo, *Sobre as quatro criaturas incorpóreas* (Clavis coptica 0177; copta, árabe, etíope, núbio)
- Entronização de Miguel (ou Liber Institutionis Michaelis archangeli; Clavis coptica 0488; copta, etíope, núbio, grego)
- *História de José o Carpinteiro* (Clavis coptica 0037; copta, árabe)
- *Mistérios de João* (Clavis coptica 0041; copta)

Compostas, provavelmente, entre os séculos X e XII depois de Cristo, as memórias apostólicas núbias são cinco em número. Três delas, com certeza, são traduções ou adaptações do copta e têm uma origem egípcia:

1. O Texto da Cruz ou Texto-*craypoc* (DBMNT 1391), um texto de revelação seguido de um hino à Cruz verdadeira. Este texto está em muito bom estado e quase completo. O texto consiste de duas partes: um discurso revelador de Jesus aos apóstolos, seguido de um hino à Cruz.²⁴⁵ É também conhecida uma versão copta da primeira parte, encontrada em Nobácia.²⁴⁶ Quanto a segunda parte, conhecemos um paralelo núbio mais amplo, ou seja o homilia do pseudo-Crisóstomo, *In venerabilem crucem*,²⁴⁷ do qual também são conhecidas versões em latim, siríaco, árabe, armênio, eslavo e etíope. Assim, a segunda parte do Texto da Cruz é um encurtamento da versão núbia do sermão pseudo-crisostomiano.

2. Um fragmento de um discurso do Senhor aos apóstolos (DBMNT 1401), um texto muito breve e mutilado, cuja interpretação é difícil.²⁴⁸

3. A *Entronização de Miguel* (DBMNT 712), um texto revelador de Jesus que fala da entronização de Miguel como líder das hostes angélicas.²⁴⁹ Há também uma versão copta e

²⁴⁴ Veja a lista em Suci (2017, pp. 71-73).

²⁴⁵ Edição do texto núbio: Browne (1989, pp. 23-29); Nagel (2013).

²⁴⁶ Edição do texto copta: Hubai (2009, pp. 9-14); Tsakos & al. (2013).

²⁴⁷ Edição do texto núbio: Browne (1984).

²⁴⁸ Browne (2001).

²⁴⁹ Edição do núbio: Browne (1989, pp. 61-63); Browne (1990, pp. 75-76). Sobre esse texto na literatura núbia medieval, veja Tsakos (2014).

uma versão etíope.²⁵⁰ Um fragmento em grego também foi encontrado na Núbia (e não esqueçamos que o grego era uma língua viva na Núbia medieval).²⁵¹

4. Logo, *O livro de Attiri sobre Miguel*, outro texto de revelação sobre Miguel, com uma parte em prosa e depois uma parte rimada.²⁵²

5. Finalmente, o pseudo-Crisóstomo, *Sobre as quatro criaturas incorpóreas* (DBMNT 1390), um texto revelador de Jesus sobre os quatro animais do *Apocalipse de João*, que está incluído em uma homilia falsamente atribuída ao afamado Padre da Igreja João Crisóstomo.²⁵³ Há também versões em copta, árabe e etíope desta obra.²⁵⁴

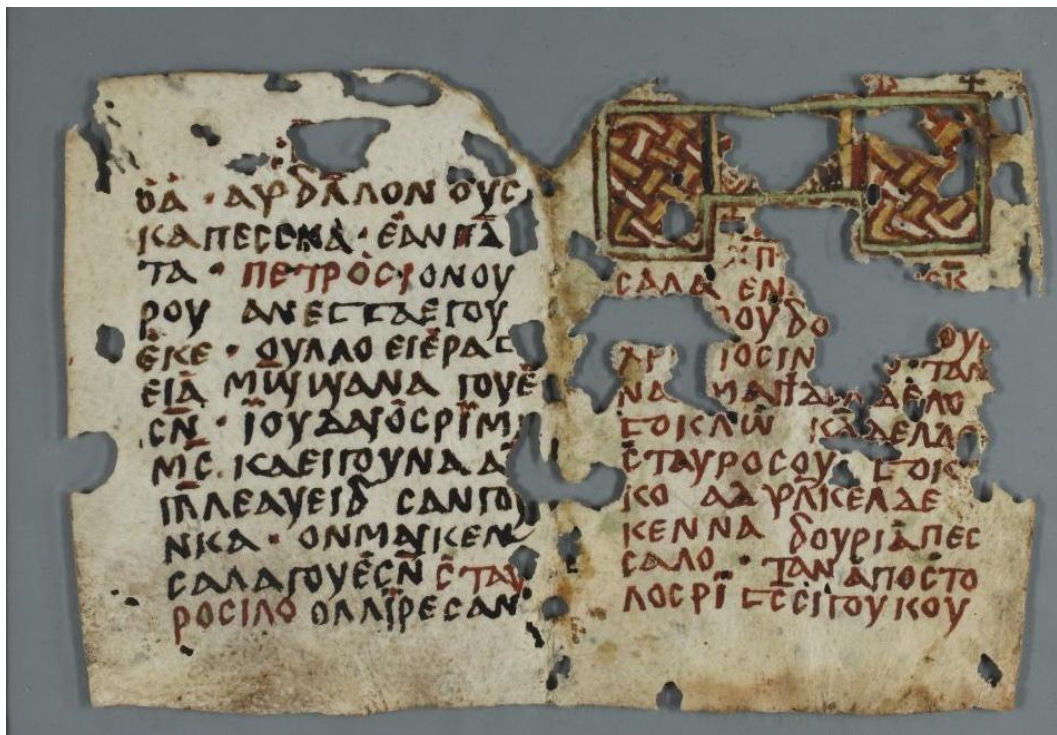


Imagem 6: Início do texto da Cruz (Ms. Or. Quart. 1020 da Staatsbibliothek zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz)²⁵⁵

Muito recentemente foram iniciadas pesquisas linguísticas, literárias, codicológicas e filológicas sobre a memória apostólica em núbio antigo. Vincent van Gerven Oei e Alexandros Tsakos estudaram o texto da Cruz em um artigo que será publicado em breve.²⁵⁶

²⁵⁰ Texto copta e tradução em alemão em Müller (1962). A versão etíope é inédita.

²⁵¹ Edição do texto grego em Browne (1988, p. 18).

²⁵² Edição em van Gerven Oei et al. (2016, pp. 39-56).

²⁵³ Texto núbio em Browne (1989, p. 79).

²⁵⁴ Texto copta e tradução em Depuydt (1991, vol. 1, pp. 27-55; vol. 2, pp. 27-56). Texto árabe em Ġirġis (1926, pp. 67-81). O etíope é inédito.

²⁵⁵ <http://resolver.staatsbibliothek-berlin.de/SBB00009FAD00000000>.

²⁵⁶ van Gerven Oei, V. W. J., & Tsakos A. (forthcoming).

Ainda mais recentemente, nós três escrevemos um artigo sobre o texto do pseudo-Crisóstomo, *Sobre as quatro criaturas incorpóreas*, um texto que acabo de aludir.²⁵⁷ C²⁵⁷mo já dissemos, este texto está preservado não apenas em núbio antigo, mas também em copta, árabe e etíope. Para esse último artigo, nós comprometemo-nos a comparar as versões em árabe e etíope com o núbio antigo. Os resultados desta pesquisa sobre a memória apostólica na Núbia são muito prometedores. De fato, descobrimos que as versões núbias antigas do texto da Cruz e do pseudo-Crisóstomo não eram simples traduções do copta, mas verdadeiras reelaborações de motivos extraídos das memórias apostólicas. Podemos depreender que os autores destes textos traduziram oralmente pequenas passagens ou frases das memórias apostólicas coptas para utilizá-las, de novo oralmente, na liturgia da Igreja núbia, na forma de canções ou hinos.²⁵⁸ Mais tarde, estas sequências litúrgicas foram escritas, e assim temos vestígios destas memórias apostólicas núbias, tais como o texto da Cruz ou o pseudo-Crisóstomo.²⁵⁹ Este processo de tradução e composição oral a partir de material escrito para um uso litúrgico é um fenômeno notável, pois é desconhecido em outra literatura cristã do Chifre da África. Isto revela o grau de inventividade e criatividade dos tradutores e escritores núbios, que habilmente misturam tradução, composição oral e desempenho litúrgico. Notavelmente, temos provas pictóricas da implementação litúrgica destes textos. Em Dongola, encontramos uma imagem representando uma cena de dança e canto.²⁶⁰ As palavras saem da boca das personagens, como bolhas de fala em uma história em quadrinhos. Estas frases contêm o mesmo tipo de repetições que conhecemos das memórias apostólicas núbias. Pode-se concluir que os segmentos hínicos destas memórias apostólicas foram destinados ao canto litúrgico, ou seja, ao uso no contexto de uma tradição oral. Por isso, esta reapropriação da herança literária copta através de uma “oralização” dos motivos escritos em uma perspectiva fascinante do cristianismo núbio que acabamos de desvendar. Esperamos que futuras pesquisas sobre as literaturas e línguas da Núbia nos permitam descobrir outros mistérios desta civilização africana mil

²⁵⁷ van Gerven Oei, V. W. J., Tsakos, A., & Labadie, D. (forthcoming).

²⁵⁸ van Gerven Oei, V. W. J., Tsakos, A., & Labadie, D. (forthcoming): “Subsequently, the condensed versions of such literary works were used in the liturgy as brief references to the hagiography of the superhuman being(s) celebrated in a given date of the Nubian calendar (apparently following the Coptic one)”.

²⁵⁹ Pode-se resumir esse processo do seguinte modo: texto copta > tradução oral para núbio > desempenho litúrgico > transcrição

²⁶⁰ van Gerven Oei (2017).

Referências bibliográficas

- Bender, M. L. (2002). Nilo-Saharan. In Heine, B., & Nurse, D. (Eds.), *African Languages: An Introduction*. Second Edition (pp. 43-73). Cambridge: Cambridge University Press.
- Browne, G. M. (2002). *Old Nubian Grammar*. München: Lincom Europa.
- Browne, G. M. (2001). An Old Nubian Apocryphal Text from Qaṣr Ibrīm. *Journal of Coptic Studies*, 3, pp. 129-132.
- Browne, G. M. (1997). *Old Nubian Dictionary*. Appendices. Louvain: Peeters.
- Browne, G. M. (1996). *Old Nubian Dictionary*. Louvain: Peeters.
- Browne, G. M. (1992). *Old Nubian Literature*. Études nubiennes, 1, pp. 379-387.
- Browne, G. M. (1990). An Old Nubian Version of the Liber Institutionis Michaelis. In W. Godlewski (Ed.), *Acts of the Third International Congress of Coptic Studies, Warsaw 20-25 August 1984* (pp. 75-79). Warsaw: PWN-Éditions scientifiques de Pologne.
- Browne, G. M. (1989). *Literary Texts in Old Nubian*. Wien/Mödling: Verein der Förderer der Sudanforschung.
- Browne, G. M. (1988). A Revision of the Old Nubian Version of the Institutio Michaelis. *Beiträge zur Sudanforschung*, 3, pp. 17-24.
- Davis L. D. (1990). *The First Seven Ecumenical Councils (325-787): Their History and Theology*. Collegeville (MN): The Liturgical Press.
- Décobert C. (1992). Sur l'arabisation et l'islamisation de l'Égypte médiévale. In Décobert, C. (Ed.), *Itinéraires d'Égypte. Mélanges offerts au père M. Martin* (pp. 273-300). Le Caire: Institut français d'archéologie orientale.
- Depuydt, L. (1991). Homiletics from the Pierpont Morgan Library (CSCO 524/Scriptores coptici 43 [vol. 1]; CSCO 525/Scriptores coptici 44 [vol. 2]). Louvain: Secrétariat du CorpusSCO.
- Ğirğis, M. (1926). *Kitāb al-ta'āzī al-ruḥiyya fi l-mayāmīr al-sayyidiyya*. Al-Qāhira: 'Ayn Šams.
- Griffith, F. L. (1913). *The Nubian Texts of the Christian Period*. Abhandlungen der Königlichen Preussischen Akademie der Wissenschaften, philosophische-historische Classe, 8. Berlin: Verlag der Königl. Akademie der Wissenschaften.
- Hubai, P. (2009). *Koptische Apokryphen aus Nubien: Der Kasr el-Wizz Kodex*. Übersetzt von Angelika Balog. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- Łajtar, A. (2010). The Greek of Late Christian Inscriptions from Nubia – the Evidence from Banganarti and other Sites. In W. Godlewski, W., & Łajtar, A. (Eds.), *Between the Cataracts. Proceedings of the 11th Conference for Nubian Studies, Warsaw University, 27 August - 2 September 2006, PAM Supplement Series 2.2/2* (pp. 759-764). Warsaw: Warsaw University Press.
- Łajtar, A. (2008). Late Christian Nubia through Visitors' inscriptions from the Upper Church at Banganarti. In W. Godlewski, W., & Łajtar, A. (Eds.), *Between the Cataracts. Proceedings of the 11th Conference for Nubian Studies, Warsaw University, 27 August - 2 September 2006, PAM Supplement Series 2.1* (pp. 321-331). Warsaw: Warsaw University Press.
- Łajtar, A., & Płóciennik, T. (2011). A Man from Provence on the Middle Nile: A Graffito in the Upper Church at Banganarti. In Łajtar, A., & van der Vliet, J. (Eds.), *Nubian Voices: Studies in Christian Nubian Culture* (p. 95-119). Warsaw: University of Warsaw / Raphael Taubenschlag Foundation.
- Lepsius, R. (1880). *Nubische Grammatik*. Berlin: Wilhelm Hertz.
- Lepsius, R. (1849-1859). *Denkmäler aus Aegypten und Aethiopien: nach den Zeichnungen der von seiner Majestät dem Könige von Preussen Friedrich Wilhelm IV. nach diesen Ländern gesendeten und in den Jahren 1842-1845 ausgeführten wissenschaftlichen Expedition*. Berlin: Nicolaische Buchhandlung.
- McGuckin, J. (2004). *Saint Cyril of Alexandria and the Christological Controversy: Its History, Theology and Texts*. Crestwood (NY): St Vladimir's Seminary Press.
- Michalowski, K. (1973). *Faras: Die Kathedrale aus dem Wüstensand*. Zürich/Köln: Benziger Verlag.
- Müller, C. D. G. (1962). Die Bücher der Einsetzung der Erzengel Michael und Gabriel (CSCO 225/Scriptores coptici 31 [vol. 1]; CSCO 226/Scriptores coptici 32 [vol. 2]). Louvain: Secrétariat du CorpusSCO.
- Müller, C. D. G. (1959). *Die Engellehre der koptischen Kirche: Untersuchungen zur Geschichte der christlichen Frömmigkeit in Ägypten*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- Nagel, P. (2013). Ein Stauros-Text aus Qasr el-Wizz in koptischer und altnubischer Parallelversion. In Budka, J., & al. (Eds.), *Florilegium Aegyptiacum – Eine wissenschaftliche Blütenlese von Schülern und Freunden für Helmut Satzinger zum 75. Geburtstag am 21. Jänner 2013*. Göttingen: Seminar für Ägyptologie und Koptologie der Univ.
- Obtuski, A. (2019). *The Monasteries and Monks of Nubia*. Warsaw: University of Warsaw / Raphael Taubenschlag Foundation.
- Ochała, G. (2016). Multilingualism in Christian Nubia: A Case Study of the Monastery of Ghazali (Wadi Abu Dom, Sudan). In Derda, T., Łajtar, A., & Urbanik, J. (Eds.), *Proceedings of the 27th International Congress of Papyrology, Warsaw, 29 July – 3 August 2013* (pp. 1265-1283). Warsaw: University of Warsaw / Raphael Taubenschlag Foundation.
- Ochała, G. (2014). *Multilingualism in Christian Nubia: Qualitative and Quantitative Approaches*. Dotawo, 1, pp. 1-50. Consultado em 11 de janeiro 2022, <https://digitalcommons.fairfield.edu/djns/vol1/iss1/1/>
- Plumley, J. M. (1975). *The Scrolls of Bishop Timotheos: Two Documents from Medieval Nubia*. London: Egypt Exploration Society.

Reinisch, L. (1879), *Die Nuba-Sprache*. Wien: Wilhelm Braumüller.

Schmidt, K. & Schäfer, H. (1907). *Die altnubischen christlichen Handschriften der Königlichen Bibliothek zu Berlin*. Sitzungsberichte der Königlichen Preussischen Akademie der Wissenschaften, 31, pp. 602-613.

Schmidt, K. & Schäfer, H. (1906). *Die erste Bruchstücke christlicher Literatur in altnubischer Sprache*. Sitzungsberichte der Königlichen Preussischen Akademie der Wissenschaften, 43, pp. 774-785.

Seignobos, R. (2018). *La Nubie, des royaumes chrétiens à la domination islamique*. In Fauvelle, F.-X. (Ed.), *L'Afrique ancienne. De l'Acacus au Zimbabwe (20 000 avant notre ère - XVII^e siècle)* (pp. 227-253). Paris: Belin.

Seignobos, R. (2015). *Les évêchés nubiens : nouveaux témoignages. La source de la liste de Vansleb et deux autres textes méconnus*. In Łajtar, A., Ochała, G., & J. van der Vliet, J. (Eds.), *Nubian Voices: New texts and studies in Christian Nubian Culture II* (pp. 151-229). Warsaw: University of Warsaw / Raphael Taubenschlag Foundation.

Smagina, E. B. (2017). *The Old Nubian Language*. Translated by José Andrés Alonso de la Fuente. [lugar desconhecido:] Punctum Books.

Suciu, A. (2017). *The Berlin-Strasbourg Apocryphon: A Coptic Apostolic Memoir*. Tübingen: Mohr Siebeck.

Tsakos, A., Bull, C., Abercrombie, L., & Thomassen E. (2013). *Miscellanea Epigraphica Nubica IV: A New Edition of the Wizz Codex with an English Translation*. *Collectanea Christiana Orientalia*, 10, pp. 193-209.

Tsakos, A. (2014). *The Liber Institutionis Michaelis in Medieval Nubia*. *Dotawo*, 1, pp. 51-62. Consultado em 11 do janeiro 2022, <https://digitalcommons.fairfield.edu/djns/vol1/iss1/2/>

Van Gerven Oei, V. W. J. (2021). *A Reference Grammar of Old Nubian*. Leuven: Peeters.

van Gerven Oei, V. W. J., & al. (2016). *The Old Nubian Texts from Attiri*. [lugar desconhecido:] Punctum Books.

van Gerven Oei, V. W. J. (2017). *A Dance for a Princess: The Legends on a Painting in Room 5 of the Southwest Annex of the Monastery on Kom H in Dongola*. *Journal of Juristic Papyrology*, 47, pp. 117-135.

van Gerven Oei, V. W. J., & Tsakos A. (forthcoming). *Apostolic Memoirs in Old Nubian*. In Miroshnikov, I. (Ed.), *Parabiblica Coptica*. Tübingen: Mohr Siebeck.

van Gerven Oei, V. W. J., Tsakos, A., & Labadie, D. (forthcoming). *The Old Nubian Ps.-Chrysostomus' In quattuor animalia in the Context of Coptic, Arabic, and Ge'ez Oral and Literary Traditions*. In Labadie, D., & Ambu, M. (Eds.), *Textes, images et objets entre l'Égypte copte et la Corne de l'Afrique chrétienne au Moyen Âge. Actes du séminaire HornEast (2017-2023)*. Turnhout: Brepols.

Vantini, G. (1975). *Oriental Sources concerning Nubia*. Heidelberg / Warsaw: Erich Dinkler. Também disponível on-line in http://www.medievalnubia.info/dev/index.php/Giovanni_Vantini%27s_Oriental_Sources_Concerning_Nubia

Welsby, D. A. (2002). *The Medieval Kingdoms of Nubia: Pagans, Christians and Muslims along the Middle Nile*. London: The British Museum Press.

Werner, R. (2013). *Das Christentum in Nubien. Geschichte und Gestalt einer afrikanischen Kirche*. Berlin: Lit Verlag.

Zyhlarz, E. (1928). *Grundzüge der nubischen Grammatik im christlichen Frühmittelalter (Altnubisch)*. Leipzig: Deutsche Morgenländische Gesellschaft.